

VERMELHO

# Marcelo Moscheta

## Errante

31.07 – 28.09.2024

# Errante

## Wanderer

Marcelo Moscheta é um artista caminhante. Sua caminhada é performativa e investigativa e propõe novas leituras sobre o que é espaço e lugar a partir de articulações conceituais. Ao longo de sua carreira, Moscheta realizou expedições pelos mais diversos lugares do globo, incluído o Ártico, o Atacama e a Bretanha. Suas obras se relacionam com a tradição conceitualista do caminhar das mais diversas formas, da intervenção em paisagens a transposição da experiência de estar nos lugares por meio de obras ligadas a documentação.

Em sua nova exposição na Vermelho, esse conjunto de experiências informa sua produção em diferentes chaves de leitura sobre o que é deslocamento.

Marcelo Moscheta is a walking artist. His walk is performative and investigative and proposes new interpretations of what space and place are based on conceptual articulations. Throughout his career, Moscheta has undertaken expeditions to many different places on the globe, including the Arctic, the Atacama and Brittany. His works relate to the conceptualist tradition of walking in many different ways, from interventions in landscapes to the transposition of the experience of being in places through works linked to documentation.

In his new exhibition at Vermelho, this set of experiences informs his production in different ways of understanding what displacement is.



Informational text panel on the left wall, containing several columns of text.

Additional informational text panels located below the main text block on the left wall.



Small informational text panel on the wall, positioned between the two framed artworks.



Small informational text panel on the right wall, containing two columns of text.



*Do discurso do caminhar  
(encontrar vocações)*

2024  
113 x 14 x 18 cm

Grafite sobre PVC expandido e rótulo  
de adesivo plástico

[Graffiti on expanded PVC and plastic  
sticker label]

7249 0280



*Do discurso do caminhar  
(povoar objetos)*

2024  
113 x 14 x 18 cm

Grafite sobre PVC expandido e rótulo  
de adesivo plástico

[Graffiti on expanded PVC and plastic  
sticker label]

7249 0281





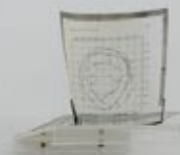
POVOAR OBJETOS



# Autopoiesis

Em suas múltiplas expedições, Moscheta coleciona rochas, fósseis, documentos e uma miríade de elementos. É parte desse material que forma a série Autopoiesis (2024) onde elementos de diferentes caminhadas são articulados numa lógica de produção fundamentada em características do conceitualismo, como a intervenção e combinação de elementos, a articulação de textos enquanto imagem, o uso da documentação e a contextualização de componentes. Essas obras aproximam diferentes experiências como um glossário de possibilidades que é tensionado em novas combinações. Na biologia e na filosofia, o termo autopoiesis descreve sistemas que são capazes de se criar e se manter a partir de si mesmos.

In his multiple expeditions, Moscheta collects rocks, fossils, documents, and a myriad of elements. Part of this material forms the series Autopoiesis (2024), where elements from different walks are articulated in a logic of production grounded in characteristics of conceptualism, such as the intervention and combination of elements, the use of texts as images, the use of documentation, and the contextualization of components. These works bring different experiences closer together, like a glossary of possibilities that is tensioned in new combinations. In biology and philosophy, the term autopoiesis describes systems that are capable of creating and maintaining themselves from within





***Autopoesis (Globo)***

2024  
113 x 14 x 18 cm

Impressão offset sobre papel, bomba vulcânica em basalto, saca polia, prego e barra roscada

[Offset printing on paper, basalt volcanic bomb, pulley puller, nail and threaded bar]

7249 0285





***Autopoiesis (Sistema)***

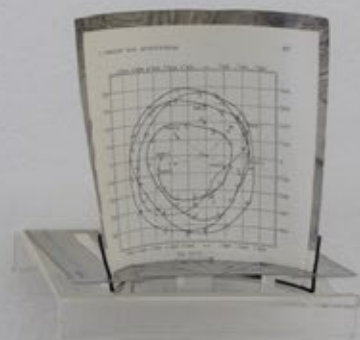
2024  
42 x 32 cm

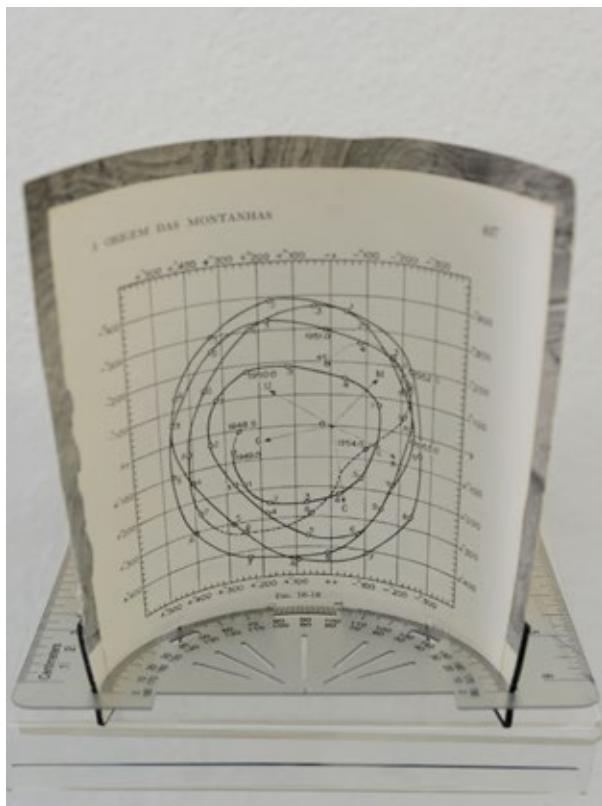
Impressão offset sobre papel, lona de algodão e grampos metálicos

[Offset printing on paper, cotton canvas and metal clips]

7249 0288







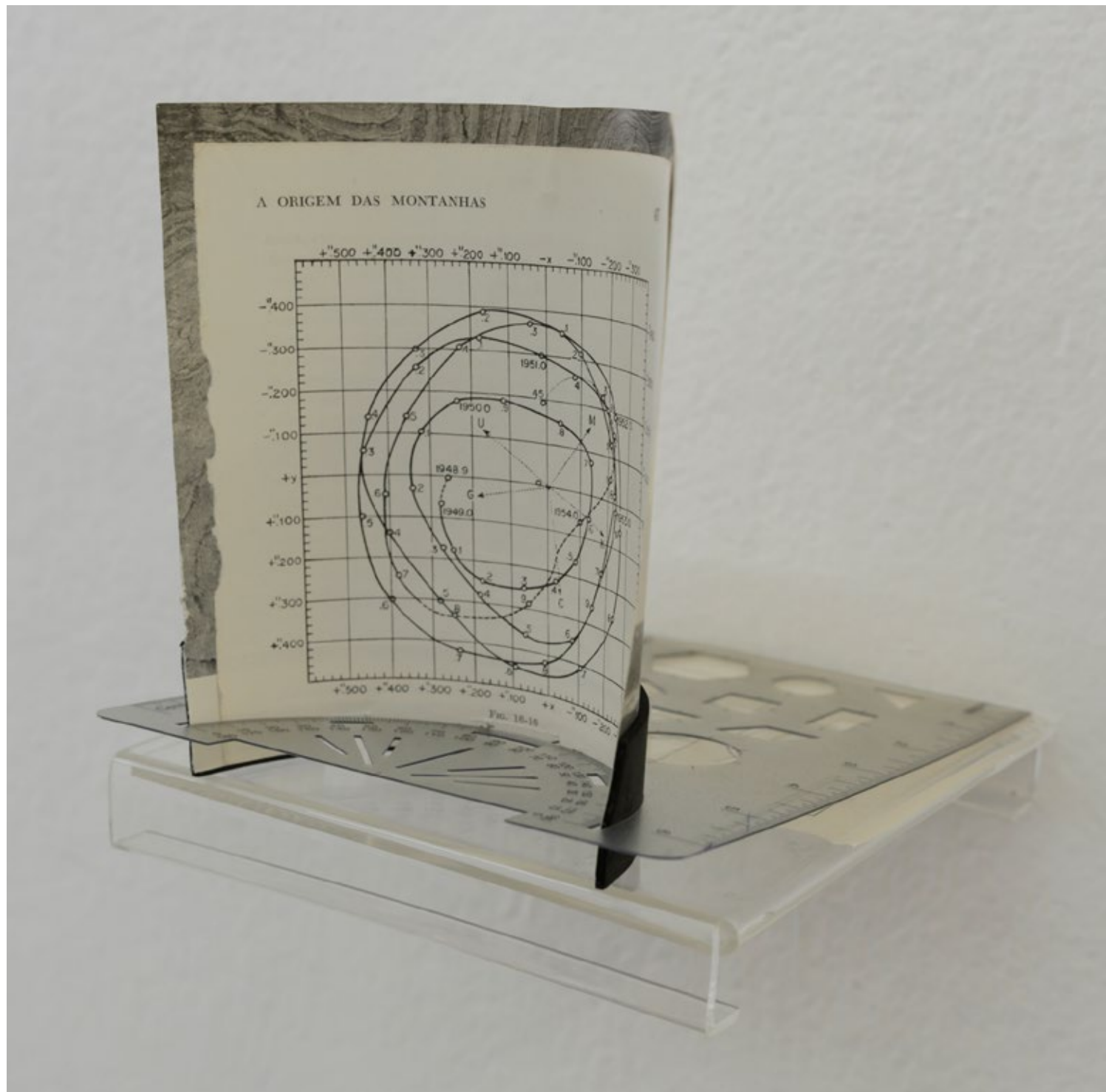
***Autopoiesis (2 minutos/ 20 anos)***

2024  
16 x 15 x 16 cm

Impressão offset sobre papel, régua  
de poliestireno, acrílico e EVA

[Offset printing on paper, polystyrene  
ruler, acrylic and EVA]

7249 0283





Small informational text block on the left wall.

Small informational text block on the partition wall.

Medium informational text block on the partition wall.



Small informational text block on the right wall.



Small informational text block on the far right wall.



# Ambulare

Os trabalhos dessa série examinam diferentes intervenções feitas pelo homem na Terra. Esses trabalhos foram realizados a partir de uma imersão de Moscheta no deserto do Atacama, aonde o artista se deparou com trilhas feitas por povos ancestrais.

Trilhas apontam para a relação com o deslocamento do corpo através do espaço e podem ser interpretadas como desenhos sobre a superfície do planeta. A apacheta feita pelo artista sobre o deserto cria outra pequena intervenção sobre a paisagem, apontando para questões relativas à escala.

The works in this series examine different human interventions on Earth. These works were created from Moscheta's immersion in the Atacama Desert, where the artist encountered trails made by ancestral peoples.

Trails point to the relationship with the movement of the body through space and can be interpreted as drawings on the planet's surface. The apacheta made by the artist in the desert creates another small intervention on the landscape, pointing to issues related to scale.





***Ambulare***

20011 - 2024  
85,5 x 150 cm

Impressão com pigmento mineral sobre papel Hahnemuhle Photo Rag 308g,  
placa de fenolite, cobre recortado a laser, pvc expandido e papel

7249 0282

Printing with mineral pigment on Hahnemuhle Photo Rag 308g paper,  
phenolic plate, laser-cut copper, expanded PVC and paper



# 1:1 (Dólmen)

Dólmens são estruturas megalíticas compostas por grandes pedras que eram usadas como túmulo no período Calcolítico, entre 3300 e 1200 a.C.. Por se conformarem como uma espécie de abrigo, suas estruturas preveem o corpo enquanto escala. A instalação, feita a partir de *frottages* (ou decalques) do Dólmen da Arca, localizado no município de Viseu, em Portugal, planifica o monumento permitindo que o público se desloque por seu índice.

Para a *frottage* do Dólmen, foi necessário encontrar um material macio e resistente que suportasse a agressividade do atrito do giz com o granito do Dólmen. Assim, a Tyvek® apoiou o projeto de Moscheta, cedendo um material altamente tecnológico, resistente à abrasão. O material permitiu a fricção do giz com o granito, garantindo a integridade do desenho e o deslocamento de algo tão imóvel e fixo quanto a estrutura de 5000 anos do Dólmen da Arca a partir de seu índice.

Dolmens are megalithic structures composed of large stones used as tombs in the Chalcolithic period, between 3300 and 1200 BCE. As they conform to a kind of shelter, their structures consider the body in terms of scale. The installation, made from *frottages* (or rubbings) of the Dolmen of Arca, located in the municipality of Viseu, Portugal, unfolds the monument allowing the public to move through its index.

For the *frottage* of the Dolmen, it was necessary to find a soft and resistant material that could withstand the harshness of the friction between the chalk and the granite of the Dolmen. Thus, Tyvek® supported Moscheta's project, providing a highly technological, abrasion-resistant material. The material allowed the chalk to rub against the granite, ensuring the integrity of the drawing and the movement of something as immobile and fixed as the 5000-year-old structure of the Dolmen of Arca through its index.

apoio  
support

◀DUPONT▶  
**Tyvek.**









**1:1 (Dólmen)**

2024

Giz de cera sobre Tyvek e suporte em ferro  
[Crayon on Tyvek and iron support]

7249 0307





# Substância

## Substance

Em *Substância* (2024), Moscheta insere uma rocha de sal em uma fotografia feita em uma de suas expedições a uma caverna de sal na Colômbia. A obra, ao mesmo tempo, documenta e transporta seu estar na caverna.

In *Substância* [Substance] (2024), Moscheta inserts a salt rock into a photograph taken during one of his expeditions to a salt cave in Colombia. The work simultaneously documents and conveys his presence in the cave.



***Substância***

2024  
22 x 38 cm

Impressão com pigmento mineral sobre papel Hahnemühle  
Bamboo Gloss Baryta 305g e rocha de sal rosa

7249 0306

[Mineral pigment printing on Hahnemühle Bamboo  
Gloss Baryta 305g paper and pink salt rock]



*Autopoiesis (Déjà vu)*

2024

36 x 26 cm

Grafite sobre cartão postal  
[Graffiti on postcard]

7249 0284



COTE D'EMERAUDE



*Loic*



*Low*

COTE D'EMERAUDE

DINÂMICA INTERNA



DINÂMICA EXTERNA



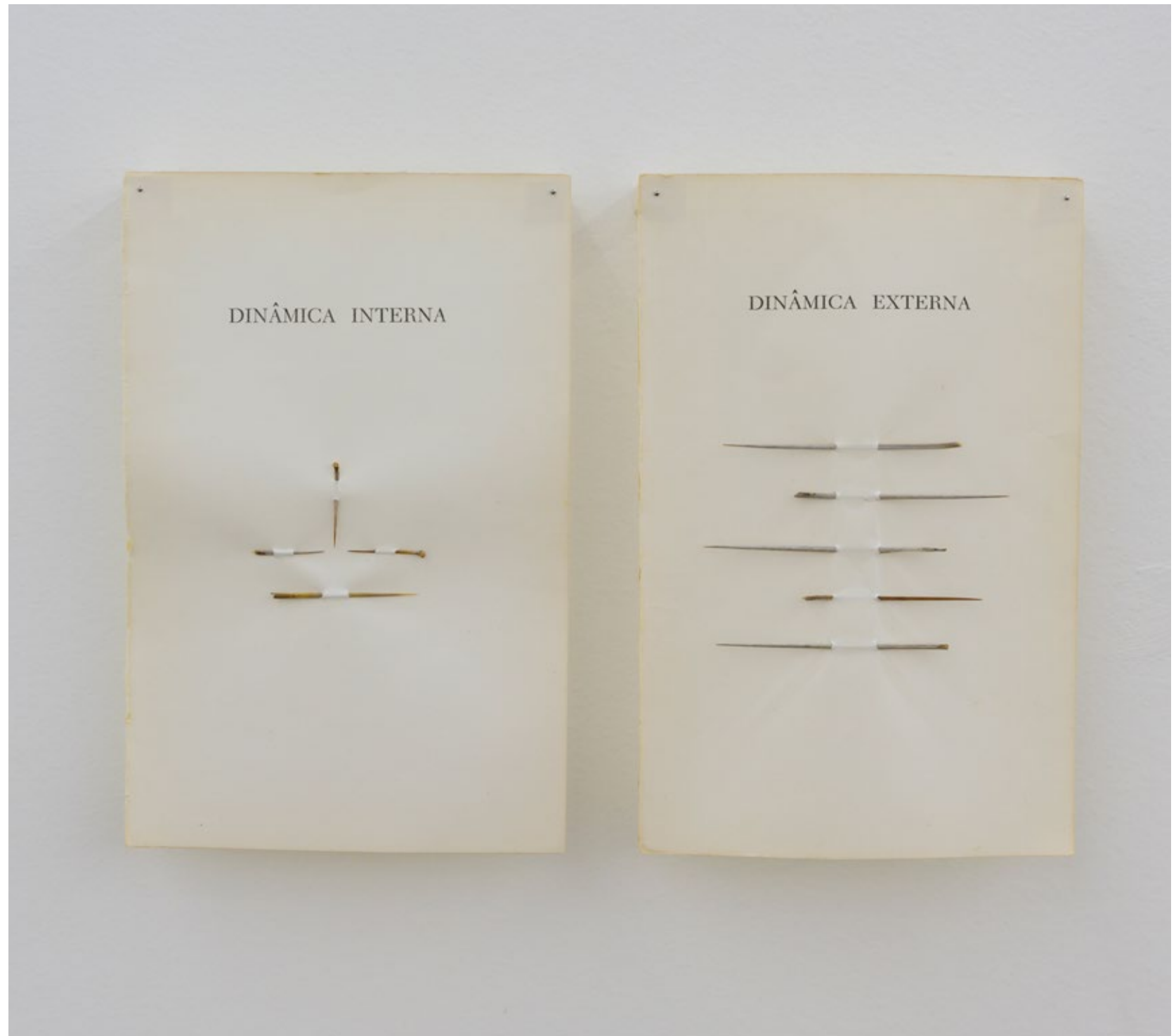
*Autopoiesis (Dinâmicas)*

2024  
21 x 29,5 cm

Impressão offset sobre papel,  
madeira balsa e espinhos de  
mandacaru

Offset printing on paper, balsa  
wood and mandacaru spines

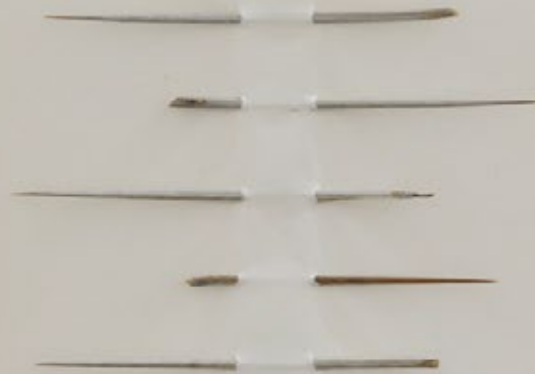
7249 0308



DINÂMICA INTERNA



DINÂMICA EXTERNA





# Sedimentar

## Sedimentary

Questões sobre a natureza do tempo pautam Sedimentar (2024). A série de pinturas de Moscheta é feita a partir da sedimentação de calcário proveniente de coccolitos. Essas massas de carbonato de cálcio são produzidas por algas como uma forma de proteção. Quando a alga morre, os coccolitos são liberados no ambiente marinho. Moscheta produz aguadas com o pó de calcário dos coccolitos para pintar superfícies preparadas com gesso acrílico. O artista movimentava essa tinta pelo campo até que ela se sedimentava sobre o suporte. Moscheta devolve a rocha sedimentar dos coccolitos à água e devolve a elasticidade das algas ao material. A imagem das pinturas se assemelha a ossadas turvas, propondo um caminho múltiplo entre matérias. O jogo temporal e material de Sedimentar levanta questões acerca da natureza da criação e da destruição na arte.

Questions about the nature of time guide Sedimentar [Sedimentary] (2024). This series of paintings by Moscheta is created from the sedimentation of limestone derived from coccoliths. These masses of calcium carbonate are produced by algae as a form of protection. When the algae die, the coccoliths are released into the marine environment. Moscheta makes a watery pigment with the limestone powder from the coccoliths to paint surfaces prepared with acrylic gesso. The artist moves this paint across the field until it settles on the support. Moscheta returns the sedimentary rock of the coccoliths to the water, restoring elasticity of the algae to the material. The image of the paintings resembles blurred bones, proposing a multiple pathway between materials. The temporal and material interplay of Sedimentar raises questions about the nature of creation and destruction in art.

***Sedimentar***

2024  
105 x 91 cm

Calcário sobre tela e madeira

[Limestone on canvas and wood]

7249 0304







***Sedimentar***

2024  
133 x 157 cm

Calcário sobre tela e madeira

[Limestone on canvas and wood]

7249 0304







***Autopoiesis (Nilo)***

2024

5 x 45 x 20 cm

Basalto, calcário, barbante, fio  
encerado e espuma

[Basalt, limestone, twine, waxed  
thread and foam]

7249 0286



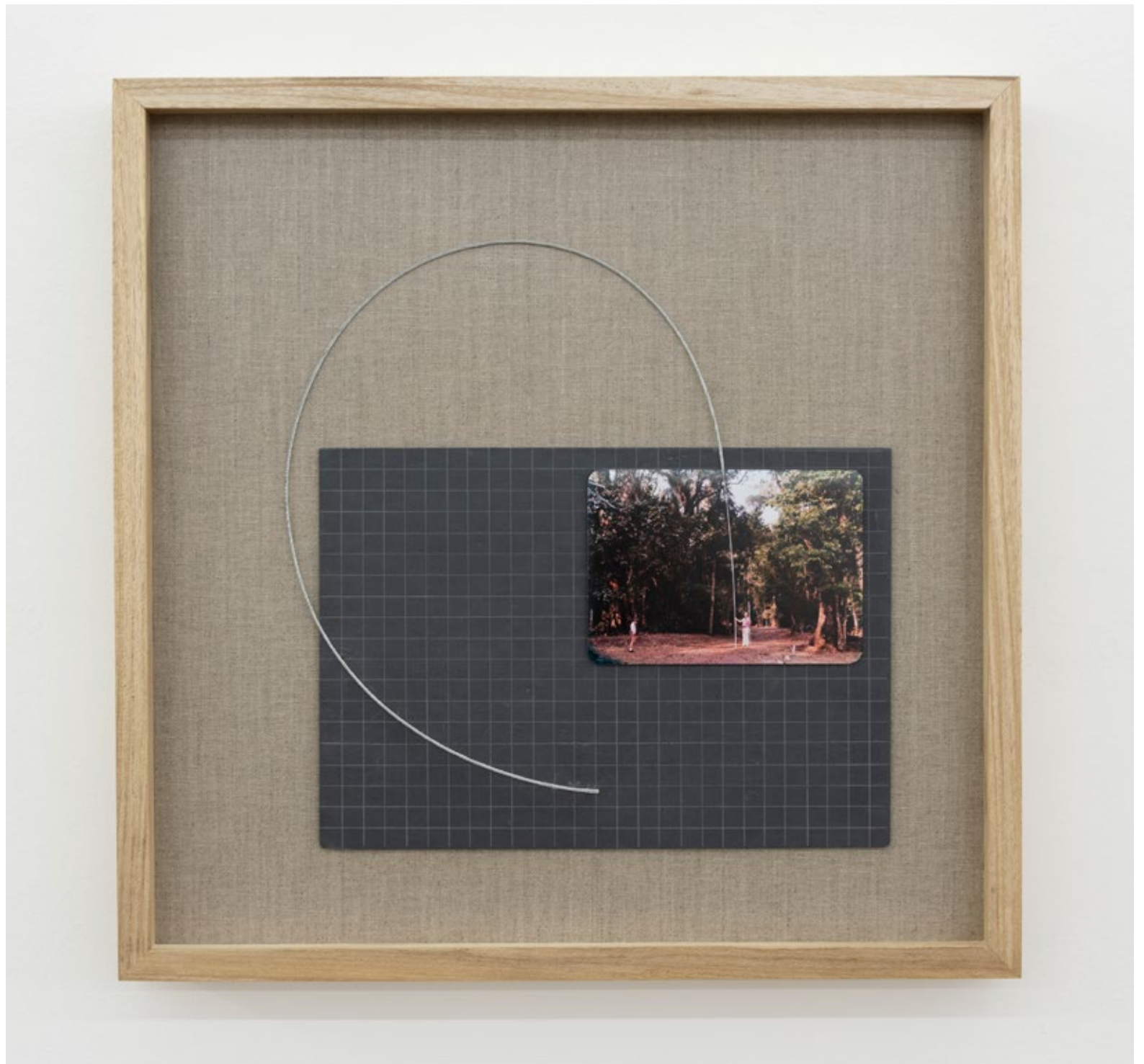


# Parábola

## Parable

Na série Parábola, Moscheta propõe outro deslocamento temporal a partir de uma fotografia feita por seu pai durante uma coleta no Horto Florestal de Maringá (Paraná) em 1981. Botânico de profissão, seu pai registrou um colega, acompanhado de seu filho, com uma vara de poda. O trabalho opera através da repetição de elementos ligados à lógica (o grid da lousa de ardósia, o grid do linho) para investigar o momento de aprendizado lúdico registrado na fotografia e elaborar composições onde ensinamento e liberdade se aproximam. Na obra, vivência e oralidade se sobrepõem a formalidade da lousa representada pela pedra de ardósia.

In the series Parábola, Moscheta proposes another temporal displacement through a photograph taken by his father during fieldwork at the Horto Florestal de Maringá (Paraná) in 1981. A botanist by profession, his father captured an image of a colleague, accompanied by his son, with a pruning stick. The work operates through the repetition of elements related to logic (the grid of the slate chalkboard, the grid of the linen) to investigate the playful learning moment recorded in the photograph and to create compositions where teaching and freedom come together. In the piece, experience and orality overlap with the formality of the chalkboard represented by the slate stone.



***Parábola #1***

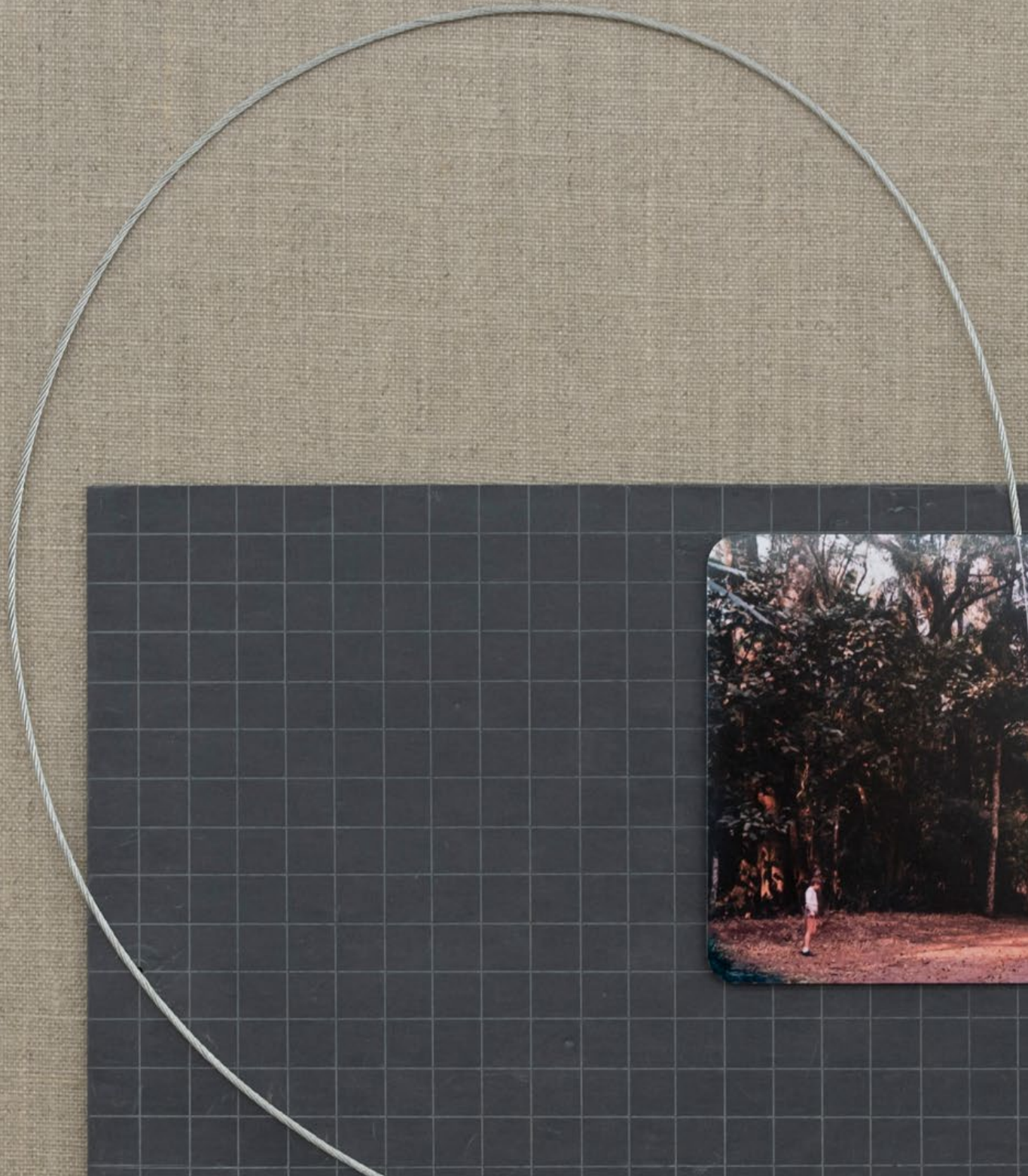
2024

40 x 40 cm

Impressão de pigmento mineral  
sobre papel luster, cabo de  
aço, ardósia e linho

[Mineral pigment printing on  
luster paper, steel cable, slate  
and linen]

7249 0294



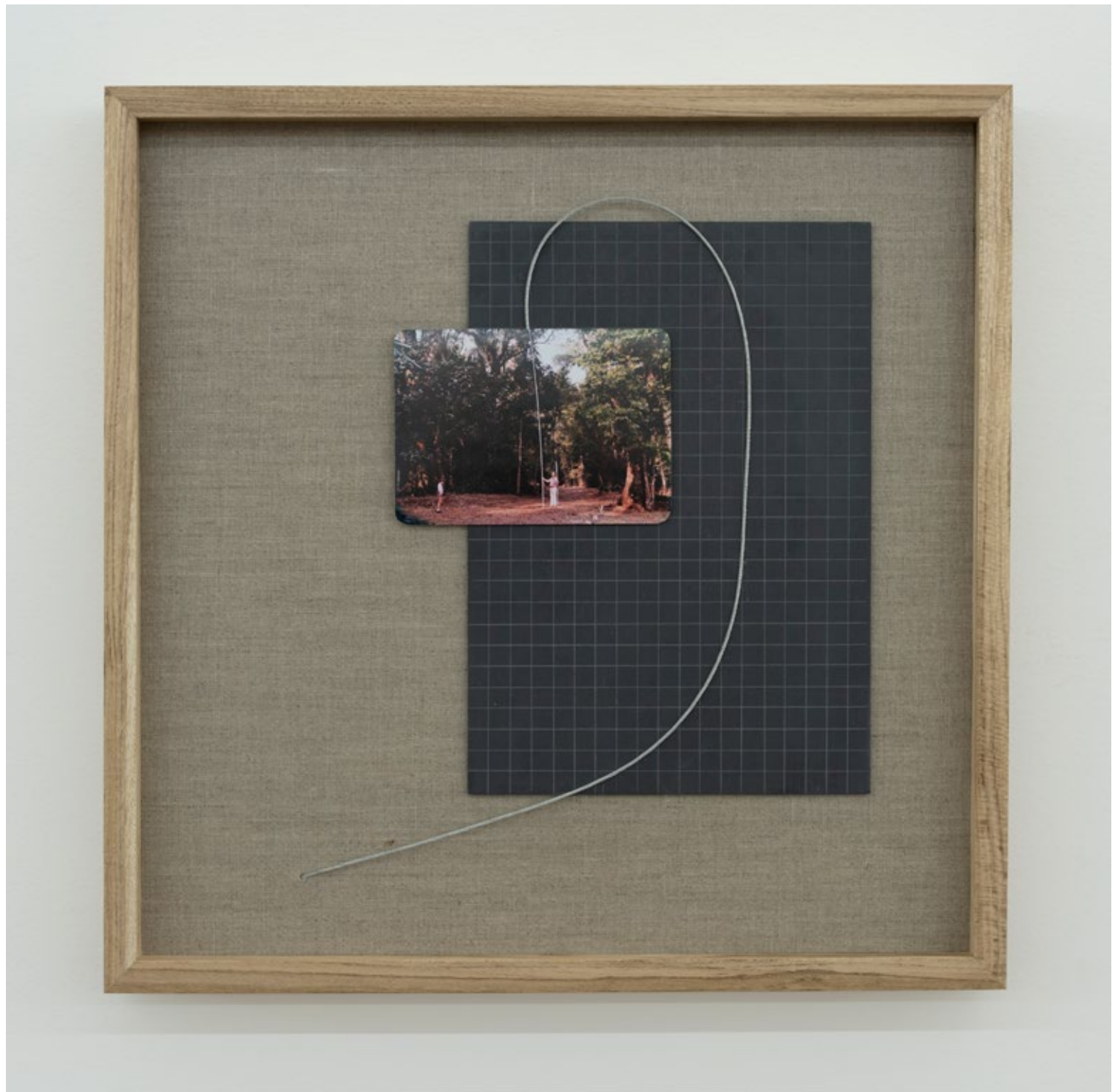
***Parábola #5***

2024  
40 x 40 cm

Impressão de pigmento mineral  
sobre papel luster, cabo de  
aço, ardósia e linho

[Mineral pigment printing on  
luster paper, steel cable, slate  
and linen]

7249 0298







***Cosmofilia***

2024  
203 x 130 x 84 cm

Madeira, cobre e ágata  
[Wood, copper and agate]

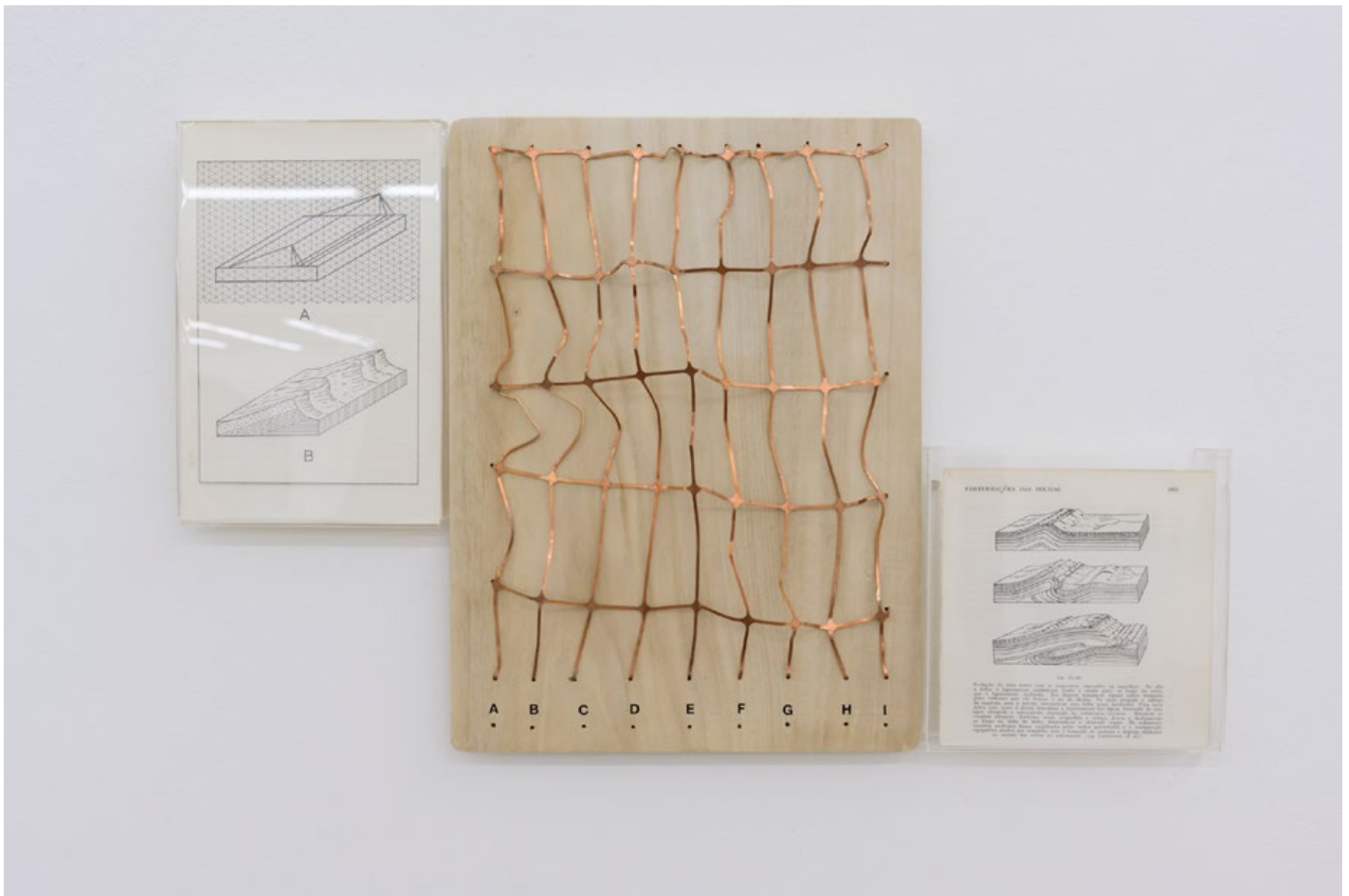
7249 0290











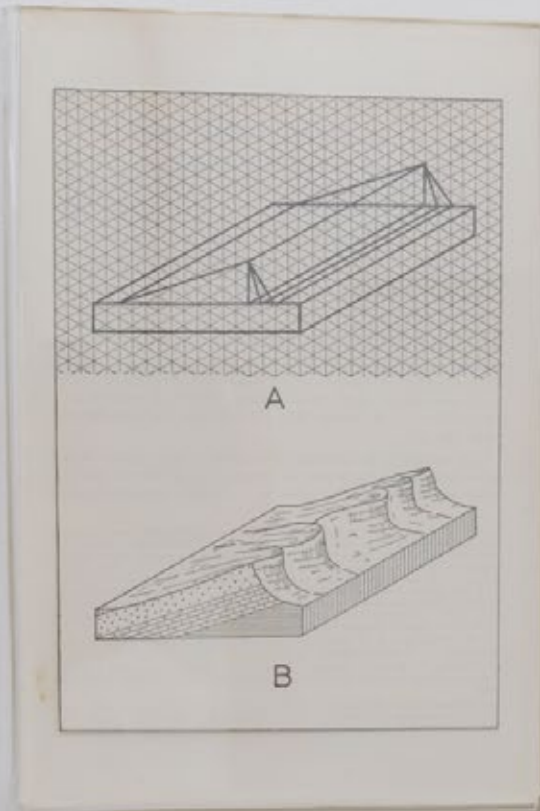
***Autopoiesis (Perturbações)***

2024  
32 x 53 cm

Cobre recortado a laser, letraset, madeira, impressão  
offset sobre papel e acrílico

7249 0287

[Laser cut copper, letraset, wood, offset printing  
on paper and acrylic]





***Autopoiesis (Zonas)***

2024  
22 x 38 cm

Madeira, papel isolante elétrico e impressão offset  
[Wood, electrical insulating paper and offset printing]

7249 0289



Fig. 7-9

# Jeremias

## Jeremiah

A mobilidade do homem entre espaços é celebrada Jeremias, que traz escrito em cacos de cerâmicas de várias proveniências uma profecia presente na Bíblia, no Livro de Jeremias, Capítulo 35:7: “Habitaís em tendas para que possais viver muito na terra em que sois estrangeiro”. Como uma escavação arqueológica, a obra propõe a ruína da condição da edificação e do acúmulo material em detrimento de um constante estado de deslocamento.

The mobility of humans between spaces is celebrated in Jeremias, which features a prophecy from the Bible, specifically from the Book of Jeremiah, Chapter 35:7, inscribed on fragments of ceramics from various origins: “All your days ye shall dwell in tents, that ye may live many days in the land where ye are strangers”. Like an archaeological excavation, the work proposes the ruin of the condition of building and material accumulation in favor of a constant state of displacement.

HABITAE  
EM  
MENDAE  
PAR  
OUE

POSSAIS  
VVERE  
MULTO  
NA  
FERR

EM  
QUE  
SOIS  
ES  
NGEROS



***Jeremias***

2024  
105 x 300 x 8 cm

Esmalte sobre cerâmica, aço galvanizado e EVA  
[Enamel on ceramic, galvanized steel and EVA]

7249 0293



H A B I T A S







# Marcelo Moscheta: Errante

**Marcelo Moscheta** é um artista caminhante. O artista que incorpora o ato de caminhar em sua prática sempre esteve presente na costura da história da arte. Para além do artista interessado em explorar, mapear, observar e interagir com o ambiente, o deslocamento enquanto parte do fazer ocupa práticas artísticas desde que os artistas viajantes integraram as expedições artísticas e científicas nas Américas a partir de sua invasão no século XVI. Ou daqueles que optaram, pela primeira vez, por sair dos ateliês para pintar ao ar livre. Depois que os Situacionistas, nos anos 1960, assumem a tarefa de superar a arte enquanto especialidade em detrimento de entendê-la como parte da vida cotidiana, o caminhar é assumido como prática da deriva – um passeio sem destino. O artista que opta pela ação de caminhar, então, subverte a ordem e estabelece o espaço público como lugar de criação e subjetividade. A caminhada é performativa e investigativa e permite novas leituras sobre o que é espaço e lugar a partir de “torções” conceituais. Artistas como Richard Long, Hamish Fulton e Francis Alÿs criaram obras que transformaram

paisagens (urbanas ou naturais) ou a maneira de observá-las a partir de suas caminhadas.

Representar o movimento se torna um caminho, e Marcelo Moscheta é um artista debruçado neste caminho. Em 2007, em *Círculo polar ártico*, Moscheta criou uma instalação que procurava deslocar o espectador ao extremo norte do globo com manipulações de imagens digitais que se assemelhavam ao Ártico, mas que não passavam de fotografias de cubos de gelo feitas sobre a pia de seu ateliê. As imagens eram organizadas em círculos incompletos, exigindo de quem vê a finalização das imagens pela imaginação.

Em 2011, Moscheta esteve em residência no Alto Ártico, em Spitsbergen. Sua obra, então, se adensa nas articulações pautadas pelo empírico. Como cadernos de viagens ou como documentos poéticos, sua produção busca a tradução da vivência no Ártico. Aí se localiza a série *Fotocromáticos* (2012), onde filmes de fotolito PB são justapostos a tabelas de códigos Pantone®, sugerindo que o espectador preencha a paisagem com as cores oferecidas. Além da

transposição do estar no território para trabalhos que viajam para outras localidades, o estar no Ártico inspira obras que se relacionam com a tradição da Land Art e que se baseiam em intervenções sobre a paisagem. Em *A Line in the Arctic* (2012) uma linha feita de fita adesiva é esticada no chão na tentativa de seguir o paralelo e o meridiano exato para o norte, o sul, o leste e o oeste. Por conta da interferência do polo na leitura de aparelhos de GPS, dúvidas sobre a precisão da ação são levantadas. O trabalho pondera sobre as tentativas do homem de medir, delimitar e enquadrar o mundo e as falhas inevitáveis de medir imensurável. As imagens que registam a ação são exibidas em molduras de Isopor®, fazendo referência às caixas térmicas usadas no transporte de elementos que demandam a manutenção de certa temperatura. Há aí o deslocamento do sujeito no território e a sinalização do deslocamento da experiência.

Experimentações com diversas ideias de deslocamento também permearam expedições de Moscheta à Bretanha (2007), ao Atacama (2011), à região fronteira do Pampa (2009-2010),

e a percorrer todos os 1100 km de extensão do Rio Tietê (2015) – entre muitas outras.

Em 2021, Marcelo Moscheta mudou-se para Portugal para o desenvolvimento de sua pesquisa de doutorado. O estar imigrante estabelece outra forma de deslocamento baseada no constante estado de trânsito e desterro. A partir desse novo deslocamento, Moscheta produziu uma série de novos trabalhos baseados na busca do reconhecimento dessa nova terra, incluindo sua primeira intervenção permanente sobre uma paisagem.

Em julho de 2023, a instalação *O invisível, do Projeto Conic Infinite* passou a integrar a paisagem do Grande Vale do Côa, em Portugal. Na intervenção, Moscheta utiliza madeiras, cortiças e rochas locais, planejando sua decomposição natural, que permitirá que seu processo evolutivo as devolva à paisagem sem impacto ambiental. O trabalho, organizado como dois grandes cones que têm suas aberturas maiores espelhadas, além de criar recortes visuais na paisagem do alto de uma colina, também permite diferentes

experiências térmicas e sonoras por conta das características naturais da cortiça. A instalação foi desenvolvida a partir de uma residência artística em parceria com o Município de Sabugai, com a FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia e com a Amorim Cork Insulation.

Esse conjunto de vivências e experimentações é o que informa sua nova exposição na Vermelho. Precisamente intitulada ***Errante***, a exposição lida com deslocamentos espaciais e temporais.

Portugal tem alguns dos monumentos megalíticos mais antigos da Europa. A origem da maior parte deles está localizada no período Calcolítico, de 3300 a 1200 a.C.. Interessado por rochas enquanto representações poéticas de uma história permanente, Moscheta é fascinado por esse conjunto de monumentos milenares feitos em pedra. Movido por esse fascínio, ele busca rebates a experiência de presenciar um desses monumentos, o *Dólmen da Arca*, localizado no município de Viseu. Os dólmenes são estruturas compostas de grandes pedras verticais sobrepostas por uma pedra horizontal que eram

geralmente usadas como sepulcro. Por se conformarem como uma espécie de abrigo, suas estruturas preveem o corpo enquanto escala. Para transportar a presença do Dólmen, Moscheta decidiu fazer uma frottage (ou decalque) do monumento. Para isso seria necessário encontrar um material macio e resistente, já que papeis não aguentariam a agressividade do atrito com o granito do Dólmen.

Foi assim que outro de seus fascínios foi acessado: o Tyvek®, que é um material altamente tecnológico, leve e durável. O material é um tecido não tecido respirável e resistente à água, abrasão, penetração bacteriana e ao envelhecimento. É produzido pela DuPont, a mesma empresa que colaborou com a NASA para desenvolver materiais que permitiram que o homem pousasse na lua, incluindo os materiais dos trajes dos astronautas.

O Tyvek permitiria a fricção do giz com o granito, garantindo a integridade do desenho. Mais do que isso, o Tyvek permitiria o deslocamento de algo tão imóvel e fixo quanto a estrutura de 5000 anos do *Dólmen da Arca* a partir

de seu índice. Moscheta começou, então, as negociações com diferentes fóruns que envolvem Portugal, Estados Unidos, Brasil, Espanha e Uzbequistão. As permissões e documentações necessárias para a realização da obra atravessaram um mês de trocas com 7 arqueólogos e representantes de diferentes departamentos de arquitetura e arqueologia de Portugal.

Todas as etapas garantiram a execução da obra e a preservação da integridade do monumento milenar. Moscheta teve, então, três dias para executar a frottage com a ajuda de um assistente.

Finalmente, com o índice de cada pedra que compõe o Dólmen da Arca registrado em rolos de Tyvek, Moscheta pôde consolidar a obra ***1:1 (Dólmen)***, que ocupa a sala principal de sua exposição. A instalação planifica o Dólmen da Anta, permitindo que o público se desloque por seu referente. A obra se da como ícone e índice, como mapa e pegada. A obra se baseia na semelhança e na relação real com o original.

Em suas múltiplas expedições, Moscheta coleciona rochas, fósseis, documentos e uma miríade de elementos. É parte desse material que forma a série **Autopoiesis** (2024) onde elementos de diferentes caminhadas são articulados numa lógica de produção fundamentada em características do conceitualismo, como a intervenção e combinação de elementos, a articulação de textos enquanto imagem, o uso da documentação e a contextualização de componentes. Em escala reduzida, essas obras aproximam diferentes experiências como um glossário de possibilidades que é tensionado em novas combinações. Na biologia e na filosofia, o termo Autopoiesis descreve sistemas que são capazes de se criar e se manter a partir de si mesmos.

Em **Substância** (2024), Moscheta insere uma rocha de sal em uma fotografia feita em uma de suas expedições a uma caverna de sal na Colômbia. A obra, ao mesmo tempo, documenta e transporta seu estar na caverna.

Na série **Parábola** (2024), Moscheta propõe outro deslocamento temporal a partir de uma fotografia

feita por seu pai durante uma coleta no Horto Florestal de Maringá (Paraná) em 1981. Botânico de profissão, seu pai registrou um colega, acompanhado de seu filho, com uma vara de poda. O trabalho opera através da repetição de elementos ligados à lógica (o grid da lousa de ardósia, o grid do linho) para investigar o momento de aprendizado lúdico registrado na fotografia e elaborar composições onde ensinamento e liberdade se aproximam. Na obra, a vivência e a oralidade se sobrepõe a formalidade da lousa representada pela pedra de ardósia.

Questões sobre a natureza do tempo também pautam **Sedimentar** (2024). A série de pinturas de Moscheta é feita a partir da sedimentação de calcário proveniente de cocolitos. Essas massas de carbonato de cálcio são produzidas por algas como uma forma de proteção. Quando a alga morre, os cocolitos são liberados no ambiente marinho. Moscheta produz aguadas com o pó de calcário dos cocolitos para pintar superfícies preparadas com gesso acrílico. O artista movimenta essa tinta pelo campo até que ela se sedimente sobre o

suporte. Moscheta devolve a rocha sedimentar dos cocolitos à água e devolve a elasticidade das algas ao material. A imagem das pinturas se assemelha a ossadas turvas, propondo um caminho múltiplo entre matérias. O jogo temporal e material de *Sedimentar* levanta questões acerca da natureza da criação e da destruição na arte.

As várias caminhadas e obras de Marcelo Moscheta se apresentam como um diário de bordo de suas jornadas, onde questões que tocam a estética, ética e história da arte são rebatidas na história dos deslocamentos e assentamentos do homem no mundo; nas suas formas de estar e pensar os espaços, e nas formas de dominação que exerce sobre a paisagem.

A mobilidade do homem entre espaços é, então, celebrada na obra que abre a exposição. **Jeremias** (2024) traz escrito em cacos de cerâmicas de várias proveniências a profecia presente na Bíblia, no Livro de Jeremias, Capítulo 35:7: “Habitaís em tendas para que possais viver muito na terra em que sois estrangeiro”. Como uma escavação arqueológica, a obra propõe a ruína da condição da

edificação e do acúmulo material em detrimento de um constante estado de deslocamento.

Gabriel Zimbardi.  
São Paulo, julho. 2024

# Marcelo Moscheta: Wanderer

**Marcelo Moscheta** is a walking artist. Artists that incorporate the act of walking into their practice has always been present in the fabric of art history. Beyond the artist interested in exploring, mapping, observing, and interacting with the environment, movement as part of creation has occupied artistic practices since traveling artists joined artistic and scientific expeditions in the Americas from its invasion in the 16th century. Or those who chose, for the first time, to leave the studios to paint outdoors. After the Situationists in the 1960s took on the task of transcending art as a specialty to understand it as part of everyday life, walking was embraced as a practice of wandering – a walk without destiny. The artist who opts for the act of walking then subverts the order and establishes public space as a place of creation and subjectivity. Walking is performative and investigative and creates the possibility for new comprehensions of what space and place are through conceptual maneuvers. Artists like Richard Long, Hamish Fulton, and Francis Alÿs created works that transformed landscapes (urban or natural) or the way of observing them through their walks.

Representing movement becomes a path, and Marcelo Moscheta is an artist committed to this path. In 2007, in *Arctic Circle*, Moscheta created an installation that sought to displace the viewer to the far north of the globe with manipulations of digital images that resembled the Arctic but that were in fact photographs of ice cubes taken on the sink of his studio. The images were organized in incomplete circles, requiring the viewer to complete the images with their imagination.

In 2011, Moscheta participated in a residency in the High Arctic, in Spitsbergen. His work then deepened in its articulations based on empirical evidence. Like travel notebooks or poetic documents, his production sought to translate the experience of being in the Arctic. From this experience, comes the series *Photochromatic* (2012), where black-and-white photolith films are juxtaposed with Pantone® color code tables, suggesting to the viewer the task of filling in the landscape with the offered colors. Besides transposing the “being in the territory” to works that travel to other localities, being in the Arctic inspired works related to the

Land Art tradition and based on interventions in the landscape. In *A Line in the Arctic* (2012), a line made of red adhesive tape is stretched on the ground in an attempt to follow the exact parallel and meridian to the north, south, east, and west. Due to the pole’s interference in GPS readings, doubts about the action’s precision arise. The work reflects on man’s attempts to measure, delimit, and frame the world and the inevitable failures of measuring the immeasurable. The images that document the action are displayed in Styrofoam® frames, referencing the thermal boxes used to transport elements requiring a certain temperature. There, the subject’s displacement in the territory and the displacement of the experience are signaled.

Experimentations with various ideas of displacement also permeated Moscheta’s expeditions to Brittany (2007), the Atacama (2011), the border region of Pampa (2009-2010), and to traverse all 1100 km of the Tietê River (2015) – among many others.

In 2021, Marcelo Moscheta moved to Portugal to develop his doctoral

research. Being an immigrant establishes another form of displacement based on a constant state of transit and exile. From this new position, Moscheta produced a series of new works based on seeking recognition of this new land, including his first permanent intervention in the landscape.

In July 2023, the installation *The Invisible, from the Conic Infinite Project* was integrated into the landscape of the Grande Vale do Côa, in Portugal. In the intervention, Moscheta used local woods, corks, and rocks, planning their natural decomposition, which will allow their evolutionary process to return them to the landscape without environmental impact. The work, organized as two mirrored large cones, besides creating visual framings in the landscape from the top of a hill, also allows different thermal and sound experiences due to the natural characteristics of cork. The installation was developed from an artistic residency in partnership with the Municipality of Sabugal, with the FCT - Foundation for Science and Technology, and with Amorim Cork Insulation.

This set of experiences and

experimentations informs his new exhibition at Vermelho. Precisely titled *Errante* [Wanderer], the exhibition deals with spatial and temporal displacements.

Portugal has some of the oldest megalithic monuments in Europe. Most of them date back to the Chalcolithic period, from 3300 to 1200 BC. Interested in rocks as poetic representations of a permanent history, Moscheta is fascinated by these millenary stone monuments. Driven by this fascination, he seeks to replicate the experience of witnessing one of these monuments, the *Dólmen da Arca*, located in the municipality of Viseu. Dolmens are structures composed of large vertical stones overlaid by a horizontal stone that were generally used as tombs. As a kind of shelter, their structures proportions forth see the body as a scale. To transport the presence of the Dolmen, Moscheta decided to make a frottage of the monument. For this, it was necessary to find a soft and resistant material, as papers could not withstand the friction with the granite of the Dolmen.

Thus, another of his fascinations was accessed: the Tyvek®, a

highly technological, lightweight, and durable material. Tyvek is a breathable, water-resistant, abrasion-resistant, bacterial penetration-resistant, and aging-resistant non-woven material. It is produced by DuPont, the same company that collaborated with NASA to develop materials that allowed humans to land on the moon, including the materials for astronauts' suits.

Tyvek would allow the chalk to friction against the granite, ensuring the integrity of the drawing. More than that, Tyvek would enable the displacement of something as immobile and fixed as the 5000-year-old Dolmen da Arca's structure from its imprint. Moscheta then began negotiations with different forums involving Portugal, the United States, Brazil, Spain, and Uzbekistan. The permissions and documentation needed for the work's execution spanned a month of exchanges with 7 archaeologists and representatives from different departments of architecture and archaeology in Portugal.

All stages ensured the work's execution and the preservation of the millenary monument's integrity.

Moscheta then had three days to execute the frottage with the help of an assistant.

Finally, with the imprint of each stone that composes the *Dólmen da Arca* recorded on rolls of Tyvek, Moscheta could consolidate the work *1:1 (Dólmen)*, which occupies the main room of his exhibition. The installation flattens the *Dólmen da Arca*, allowing the public to move through its referent. The work is given as icon and index, as map and footprint. The work is based on the resemblance and real relationship with the original.

\*

In his multiple expeditions, Moscheta collects rocks, fossils, documents, and a myriad of elements. Part of this material forms the series *Autopoiesis* (2024), where elements from different walks are articulated in a production grounded in articulations of conceptualistic characteristics, such as the intervention and combination of elements, the use of texts as images, the use of documentation, and the contextualization of components. On a reduced



scale, these works bring different experiences closer together as a glossary of possibilities tensioned in new combinations. In biology and philosophy, the term Autopoiesis describes systems capable of creating and maintaining themselves.

In **Substância** [Substance] (2024), Moscheta inserts a salt rock into a photograph taken during one of his expeditions to a salt cave in Colombia. The work simultaneously documents and transports his presence in the cave.

In the series **Parábola** [Parable] (2024), Moscheta proposes another temporal displacement from a photograph taken by his father during a collection in the Horto Florestal de Maringá (Paraná, Brazil) in 1981. A botanist by profession, his father recorded a colleague, accompanied by his son, with a pruning rod. The work operates through the repetition of elements linked to logic (the slate blackboard grid, the linen grid) to investigate the moment of playful learning recorded in the photograph and to elaborate compositions where learning and freedom are approximated. In the

work, experience and orality overlap the formality of the blackboard represented by the slate stone.

Questions about the nature of time also guide **Sedimentar** [Sedimentary] (2024). Moscheta's series of paintings is made from the sedimentation of limestone from coccoliths. These calcium carbonate masses are produced by algae as a form of protection. When the algae die, the coccoliths are released into the marine environment. Moscheta makes washes with coccolith limestone powder to paint surfaces prepared with acrylic gesso. The artist moves this paint across the black field until it is sedimented on the support. Moscheta returns the coccolith sedimentary rock to water and returns the algae's elasticity to the material. The painting's image resembles murky bones, proposing a multiple path between matters. The temporal and material play in **Sedimentar** raises questions about the nature of creation and destruction in art.

Marcelo Moscheta's various walks and works present themselves as a logbook of his journeys, where issues touching aesthetics, ethics,

and art history are reflected in the history of human displacements and settlements in the world; in their ways of being and thinking about spaces, and in the forms of domination they exercise over the landscape.

The mobility of man between spaces is thus celebrated in the work that opens the exhibition. **Jeremias** (2024) has a prophecy found in the Bible, in the Book of Jeremiah, Chapter 35:7, written on shards of ceramics from various origins: "Dwell in tents so that you may live long in the land where you are foreigners." Like an archaeological excavation, the work suggests the ruin of the condition of building and material accumulation in favor of a constant state of displacement.

Gabriel Zimbardi. July, 2024

# Agradecimentos do artista

## Artist's Acknowledgments

Samir Bichara, Maria Fernanda Moscheta, Nívia Blunie, Estefania Gavina, Casa Ateliê e Abraão Reis dos Santos (Abramoveis) pelo acompanhamento da produção [for overseeing the production].

O artista também agradece a toda a equipe da Vermelho

[The artist also extends gratitude to the entire team at Vermelho]:

Eduardo Brandão, Jan Fjeld, Marcos Gallon, Felipe Melo Franco, Vivian Bernfeld, Maya Beiguelman Messina, Juan Eyheremendy, Gabriel Zimbardi, Bárbara Hollo, Dora Martins, Edigar Candido, Marcos Henrique Gonçalves Ferreira, Viviana Goncalves Bernardino, Fabio Sena, Tiago Rocha, Antonio Fjeld, Stephanie Isidoro Bittencourt.



Marcelo Moscheta é um artista de prática baseada em uma forte referência conceitual. Desde 2000, Moscheta tem criado obras e exposições resultantes de viagens a lugares remotos, onde coleta elementos e imagens da natureza e os reproduz através de desenho e fotografia, criando instalações e objetos. Sua pesquisa está voltada para as principais relações entre homem e meio ambiente, tecnologia e memória, identidades e nomadismo. Moscheta recebeu vários prêmios e bolsas de pesquisa, incluindo a The Pollock-Krasner Foundation Grant (2017) e oThe Drawing Center Open Sessions Program (2015).

Uma seleção de suas exposições individuais inclui Marcelo Moscheta: Do Labirinto ósseo do homem ao eixo do Rochedo, realizada no Museu de História Natural e da Ciência de Lisboa, em 2024; Percurso. O delírio das saúvas ou como descrever o invisível, realizada no Museu de Serralves, em 2023; Marcelo Moscheta: Hiato, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil [CCBB], em 2021, entre muitas outras.

Sua obra está presente em coleções permanentes como Art Jameel Collection, Arábia Saudita e Emirados Árabes; Museo del Barrio, Nova York; The New York Public Library; Deutsche Bank; Musée d'art Moderne et d'art Contemporaine, Liege, França; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte Moderna de Salvador; e Itaú Cultural, São Paulo, Brasil.

Marcelo Moscheta is an artist with a practice influenced by conceptual references. Since 2000, Moscheta has been creating works and exhibitions resulting from travels to remote places where he collects elements and images from nature and reproduces them through drawing, photography, installations and objects. His research focuses on the relationships between humans and the environment, technology and memory, identities and nomadism. Moscheta has received several awards and research grants, including The Pollock-Krasner Foundation Grant (2017) and The Drawing Center Open Sessions Program (2015).

A selection of his recent solo exhibitions includes Marcelo Moscheta: Do Labirinto ósseo do homem ao eixo do Rochedo, held at the Museum of Natural History and Science in Lisbon in 2024; Percurso. O delírio das saúvas ou como descrever o invisível, held at the Serralves Museum in 2023; Marcelo Moscheta: Hiato, held at the Banco do Brasil Cultural Center [CCBB] in 2021, among many others.

His work is part of important permanent collections such as Art Jameel Collection, Saudi Arabia and the UAE; Museo del Barrio, New York; The New York Public Library; Deutsche Bank; Musée d'art Moderne et d'art Contemporaine, Liège, France; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Museum of Modern Art of São Paulo; Museum of Modern Art of Salvador; and Itaú Cultural, São Paulo, Brazil.

VERMELHO

Rua Minas Gerais, 350  
01244 010  
São Paulo, Brasil

[galeriavermelho.com.br](http://galeriavermelho.com.br)  
+55 11 3138 1520  
[info@galeriavermelho.com.br](mailto:info@galeriavermelho.com.br)